

Capítulo I

Via-se bem que a travessia seria difícil.

Com uma resignação asiática, o Padre Rothschild S.J. poisou a sua mala num canto do bar e saiu para a coberta. (Era uma mala pequena, em imitação de pele de crocodilo. As iniciais nela gravadas em caracteres góticos não eram as do Padre Rothschild, porque ele a pedira emprestada naquela manhã ao criado de quarto do seu hotel. Continha alguma roupa interior de primeira necessidade, seis importantes livros novos em seis línguas, uma barba postiça e um atlas e dicionário geográfico cerradamente anotado.) De pé na coberta, o Padre Rothschild apoiou os cotovelos na amurada, assentou o queixo entre as mãos e observou o desfile de passageiros que entravam pela passarela, mostrando cada um deles eloquentemente no rosto a sua apreensão educada.

Muito poucos de entre eles eram desconhecidos para o jesuíta, uma vez que este tinha uma facilidade feliz em lembrar-se de tudo o que pudesse saber-se de alguém que pudesse vir a ter alguma importância. Mostrou muito discretamente a ponta da língua, e, não fosse estar toda a gente com o pensamento tão ocupado pelas bagagens e pelo estado do tempo, alguém poderia ter notado a semelhança que ele tinha com as reproduções de gesso das gárgulas de Notre-Dame, que se podem ver nas montras das lojas de artigos de pintura, com a sua cor «marfim velho», espreitando atentamente por entre utensílios de estampagem, plasticinas e tubos de aguarela. Por cima da sua cabeça oscilava o *Packard* de Mrs Melrose Ape, maltratado pelas viagens e coberto do pó de três continentes, enquanto pela escada da coberta subia, à cabeça dos seus anjos, a própria Mrs Melrose, uma evangelista.

- Fé.
- Presente, Mrs Ape.
- Caridade.

— Presente, Mrs Ape.
 — Fortaleza.
 — Presente, Mrs Ape.
 — Castidade... Onde está a Castidade?
 — A Castidade não se sentia bem, Mrs Ape. Foi lá abaixo.
 — Essa rapariga tem mais problemas do que préstimo. Sempre que é preciso fazer as malas, a Castidade não se sente bem. As outras estão todas aqui: Humildade, Prudência, Ira Divina, Piedade, Justiça e Perseverança Criadora?

— A Perseverança Criadora perdeu as asas, Mrs Ape. Estava a conversar com um cavalheiro no comboio... Ah, aí vem ela.

— Tens as asas? — perguntou Mrs Ape.

Demasiado ofegante para falar, Perseverança Criadora fez sinal de que as tinha. (Cada um dos anjos trazia as suas asas numa caixa preta que parecia um estojo de violino.)

— Muito bem — disse Mrs Ape —, não tornes a perdê-las e não converses tanto com os cavalheiros nos comboios. Vocês são anjos e não atrizes de revista, estão a ver?

Os anjos apinharam-se numa massa desconsolada. Era aterrador quando Mrs Ape se punha assim. Caramba, teriam de espicaçar com força Castidade e Perseverança Criadora quando ficassem a sós umas com as outras em camisa de noite! Como se não fosse bastante a certeza do enjoo que as esperava, Mrs Ape punha-se agora a espicaçá-las.

Vendo o mal-estar das raparigas, Mrs Ape moderou-se e sorriu. Não era «magnetismo» que lhe faltava.

— Bem, meninas — disse ela —, tenho de ir andando. Dizem que vai ser difícil, mas não acreditem. Se tiverem o coração em paz, o estômago há-de saber tratar de si, e lembrem-se: se sentirem *enjoo*, *cantem*. Não há nada como cantar.

— Até já, Mrs Ape, e obrigada — disseram os anjos; inclinaram-se graciosamente, viraram costas e partiram num tropel em direcção à zona da segunda classe do navio. Mrs Ape observou-as com benevolência e depois, endireitando os ombros e parecendo ponto por ponto um marinheiro (excepto pelo facto de realmente não ter barba digna de menção), avançou resolutamente a caminho da proa e do bar da primeira classe.

Continuavam a embarcar outras pessoas notáveis, todas elas muito desagradadas com o estado do tempo; a fim de evitarem o terror do enjoo marítimo tinham-se permitido o recurso a toda a espécie de feitiços civilizados, mas faltava-lhes a fé. Estavam ali Miss Runcible e Milles Mal-

practice e todo o Grupo Jovem. Tinham passado uma agradável manhã a enrolarem-se uns aos outros a barriga com adesivo (e Miss Runcible tinha-se contorcido tanto!).

O Excelentíssimo Walter Vexame, membro do parlamento, primeiro-ministro da semana anterior, também ali estava. Antes do pequeno-almoço (que se vira consequentemente prejudicado) dessa manhã, Mr Vexame tomara o dobro da dose máxima de um produto registado à base de cloral e, mais tarde, no comboio, sentindo faltar-lhe a coragem, bebera o resto do conteúdo do frasco. Deslocava-se num êxtase incerto, escoltado por dois sargentos da polícia de investigação que não podiam parecer mais o que eram. Os dois homens tinham estado com Mr Vexame em Paris, e só não sabiam das suas actividades o que não valia a pena saber-se — pelo menos do ponto de vista de um romancista. (Quando falavam a respeito dele entre ambos chamavam-lhe «o Excelentíssimo Violação», mas tratava-se mais de uma brincadeira com o nome do visado do que de uma crítica à maneira como aquele conduzia os seus assuntos amorosos, nos quais, a verdade obrigaria a dizê-lo, revelava uma insegurança notável e tendia a sucumbir ao pânico.)

Lady Throbbing e Mrs Blackwater, as duas gémeas cujo retrato por Millais, leiloado recentemente pela Christie's, alcançara um preço imbativelmente reduzido, estavam sentadas num banco de teca a comer maçãs e a beber, com um *chic* vitoriano tardio, aquilo a que Lady Throbbing chamava «uma garrafa de gasosa», e Mrs Blackwater, mais exoticamente, *champagne*, pronunciando a palavra como se se tratasse de uma bebida francesa.

— Tenho a certeza, Kitty, aquele é Mr Vexame, o primeiro-ministro da semana passada.

— Que disparate, Fanny, onde é que ele está?

— Ali mesmo à frente daqueles dois homens com os chapéus de coco, ao pé do padre.

— É verdade que é parecido com as fotografias dele. Que ar tão esquisito.

— Como o pobre Throbbing... durante todo este último ano...

— ... E nós não desconfiámos de nada... antes de se encontrarem as garrafas de baixo do armário no quarto de vestir dele... e todos nós pensávamos que era da bebida...

— Não me parece que os primeiros-ministros que hoje temos sejam *bem* do mesmo tipo que eram antes, não achas?

- Dizem que há só *uma* pessoa capaz de influenciar Mr Vexame...
 - Na embaixada japonesa...
 - Claro, querida, embora escuses de falar tão alto. Mas diz-me uma coisa, Fanny, a sério, achas realmente que Mr Vexame é *desses*?
 - Tem uma bela figura para um homem da sua idade.
 - Sim, mas há a *idade*... e às vezes o tipo touro é tão decepcionante. Tomas mais um copo? Garanto-te que me hás-de agradecer quando o navio começar a andar.
 - Parecia-me que *já* estávamos a andar.
 - Fanny, és tão absurda, mas não consigo deixar de me rir.
- E assim, de braço dado e sacudidas por pequenos risos sufocados, as duas animadas velhas senhoras desceram a caminho do seu camarote.

De entre os outros passageiros, alguns tinham tapado os ouvidos com algodão, outros traziam óculos escuros, enquanto vários comiam pequenos biscoitos secos que tiravam de pequenos pacotes de papel, da mesma maneira que os índios comem carne de cobra para se tornarem mais astutos. Mrs Hoop repetia febrilmente uma e outra vez uma fórmula que aprendera com um *yogi* em Nova Iorque. Uns quantos «bons marinheiros», cujas bagagens exibiam etiquetas de muitas viagens, passeavam agressivamente, fumando pequenos cachimbos que empestavam o ar em redor e tentando formar uma mesa de *bridge*.

Dois minutos antes da hora prevista para a partida, enquanto se faziam ouvir o apito do primeiro sinal e gritos de aviso, um jovem subiu para bordo carregando uma mala consigo. O seu aspecto nada tinha de particularmente notável. A sua aparência era a que convém exactamente aos jovens do seu tipo; transportava ele próprio a mala, desagradavelmente pesada, porque já não lhe restavam francos nem qualquer outra moeda. Passara dois meses em Paris, a escrever um livro, e voltava para a sua terra, porque no decorrer da sua correspondência, contraíra um compromisso de casamento. O seu nome era Adam Fenwick-Symes.

O Padre Rothschild sorriu-lhe com amabilidade.

— Duvido que se lembre de mim — disse ele. — Conhecemo-nos em Oxford, há cinco anos, num almoço com o deão de Balliol. Estou interessado em ler o seu livro quando for publicado, uma autobiografia, se bem entendi. E dá-me licença que seja um dos primeiros a felicitá-lo por estar noivo? Receio que o seu sogro venha a parecer-lhe um tanto excêntrico, e esquecido. Teve um desagradável ataque de bronquite este Inverno. A casa tem muitas correntes de ar, e é grande de mais para os dias que correm. Bem, agora tenho de descer. Vamos passar um mau bocado e eu

sou mau marinheiro. Vemo-nos no dia doze em casa de Lady Metroland, se, como espero, não nos virmos antes.

Antes de Adam ter tempo para replicar o jesuíta desapareceu. Mas de repente a sua cabeça voltou atrás.

— Há a bordo uma mulher extremamente desagradável e perigosa, uma tal Mrs Ape.

Depois afastou-se de novo, e quase no mesmo instante o navio começou a deslizar, largando do cais, a caminho da saída do porto.

O navio, ora oscilava, ora avançava, ora ficava completamente imóvel e estremeando de alto a baixo, num equilíbrio precário sobre o abismo das águas sombrias. Depois precipitava-se para baixo como um comboio de feira, para cair num poço sem vento e subir de novo, com um ímpeto poderoso, expondo-se às rajadas. Ora escavava o seu trilho, farejando convulsivamente e agitando-se num sobressalto, como uma raposa à entrada de uma toca de coelho. Ora parecia despenhar-se como um peso morto. Era este último movimento que causava maior aflição entre os passageiros.

— Oh! — dizia o Brilhante Grupo Jovem. — Oh, oh, oh!

— É como estar dentro de um *shaker* de *cocktails* — disse Miles Malpractice. — Querida, se visses a tua cara... está da cor da *Eau de Nil*.

— Que enjoo, mas que enjoo — disse Miss Runcible num dos seus raros assomos de exactidão.

Kitty Blackwater e Fanny Throbbing estavam deitadas, uma em cima e a outra em baixo, cada qual no seu beliche, rígidas das cabeleiras aos dedos dos pés.

— Não sei, achas que o *champagne*...?

— Kitty.

— Sim, Fanny, minha querida.

— Kitty, creio ou, melhor, sei com toda a certeza, que tenho um frasco de sais... Kitty, pensei que talvez como estás mais perto... não posso dizer que seria prudente para mim tentar e descer... Podia partir uma perna.

— Depois do *champagne*, não, Fanny, não te parece?

— Mas preciso dos sais. Claro, querida, *mas não é um grande incómodo*?

— Nunca seria um grande incómodo, querida, tu bem sabes. Mas, agora que penso nisso, lembro-me, lembro-me perfeitamente, para dizer a verdade, de que tu *não* guardaste os sais nas malas.

— Oh, Kitty! Oh, Kitty, por favor... Ias arrepender-te se eu morresse... Oh!...